



A reportagem relatada: como a reportagem é caracterizada por quem a faz – critérios do repórter para a escolha do tema¹

Yasmin Gatto Cardoso²

Antônio Heriberto CATALÃO JR.³

Universidade Federal do Amazonas

Resumo

Este artigo é resultado parcial da pesquisa cujo objetivo geral verificar como a prática de reportagem é caracterizada em elementos paratextuais de livros-reportagem publicados no Brasil. O referencial teórico-metodológico é estabelecido através dos estudos do russo Mikhail Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006), que entende a linguagem como dialógica. O livro-reportagem é entendido como um gênero do discurso assumindo a perspectiva de Catalão Jr., (2010), que considera os livros-reportagem como um tipo relativamente estável de enunciado. O conceito de paratextos é dado por Genette (1987; [ALVARADO] 1994). O *corpus* é constituído por quinze livros-reportagem, a pesquisa não é feita nos textos dos livros propriamente dito, mas sim nos elementos paratextuais como notas; agradecimentos; introduções; epílogos; orelhas de livro, apresentações e contra capa.

Palavras-chave: Livro-reportagem; Paratextos; Dialogismo; Prática de reportagem.

Introdução

Este projeto propõe uma pesquisa sobre a prática de reportagem, tal como ela é caracterizada em paratextos de um conjunto de livros-reportagem publicados no Brasil. A proposta pretende contribuir para uma compreensão mais ampla da prática de reportagem, tal como ela é caracterizada por quem a realiza, ou seja, os próprios autores de livros-reportagem e/ou eventuais comentadores de seus trabalhos (a maioria dos quais, também repórteres).

Dado o objetivo geral da pesquisa, têm-se também como objetivos específicos verificar quais critérios o repórter usa para escolher seu tema; identificar como o autor elabora, constrói e aprofunda seu conhecimento sobre o assunto trabalhado; identificar como o jornalista relata seu processo de interação com as fontes de informação e verificar o estatuto epistemológico que o jornalista atribui ao trabalho de reportagem.

¹ Trabalho apresentado no DT 1/ IJ 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2013.

² Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de jornalismo da UFAM, email: yasmin_gatto_cardoso@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFAM, Dr. em Linguística e Língua portuguesa – FCLA/UNESP, email: catalaojr@yahoo.com.br



Mas, vale lembrar que este artigo é composto por resultados parciais, pois a pesquisa está em andamento, então a discussão está pautada somente nos critérios que o repórter usa para escolher seu tema, que já foram identificados pela autora.

Esta busca é feita conceituando-se o livro-reportagem como um gênero do discurso jornalístico, cujos enunciados típicos são elaborados por meio de trabalhos de reportagem que se materializam e são difundidos em livros (CATALÃO JR, 2010). Tal conceituação enfatiza a prática de reportagem, o trabalho do repórter, como o principal, embora não exclusivo elemento a definir o gênero e seus respectivos enunciados.

Nos enunciados típicos do gênero livro-reportagem, é comum a utilização de paratextos para relatar e/ou comentar o processo de trabalho que deu origem ao texto publicado. E é dentro desses elementos que se vai buscar essa caracterização da prática de reportagem.

A noção de paratexto a ser utilizada é apresentada por Alvarado (1994, p.2) nos seguintes termos: “é o que faz com que o texto se transforme em livro e, como tal, se propõe aos seus leitores e ao público em geral (...)”. Os paratextos podem ser introduções, apresentações, prefácios, agradecimentos, explicações, pós-fácios ou prólogos, dentre outros.

Além da noção de que cada livro-reportagem é um enunciado, assumimos também a perspectiva teórico-metodológica proposta pelo estudioso russo Mikhail Bakhtin, que trabalha com o pressuposto que o dialogismo é constitutivo da linguagem, sendo assim, toda língua se apoia no diálogo, nas relações sociais de comunicação, de debate, e em toda forma de interação social como princípio constitutivo do enunciado.

Conforme Bakhtin (1988), tudo que falamos é baseado em um discurso anterior com o qual estabelecemos, assim, uma relação dialógica. Deste modo, pretende-se verificar quais discursos influenciaram o/os autor (es) dos livros-reportagem a fazer determinada construção. A pesquisa também visa a contribuir com o entendimento e compreensão da produção de livros-reportagem, que hoje é um gênero emergente no país⁴, mas ainda é pouco estudado, proporcionando certo pioneirismo, pois não se conhece a descrição da prática de reportagem feita a partir da análise de paratextos elaborados pelos próprios autores.

⁴Conforme a pesquisa realizada por Catalão Jr em: (Jornalismo Best-Seller: O Livro-Reportagem no Brasil Contemporâneo, 2010).



O *corpus* do trabalho é formado por quinze livros-reportagem: “Rota 66” – Caco Barcellos; “Abusado”: o dono do Morro Dona Marta – Caco Barcellos; “Mauá”: empresário do império – Jorge Caldeira; “A sangue frio” – Truman Capote; “Notícia de um sequestro” – Gabriel García Márquez; “A ditadura envergonhada” – Elio Gaspari; “A ditadura escancarada” – Elio Gaspari; “Hiroshima” – John Hersey; “No ar rarefeito”: um relato de tragédia no Everest em 1996 – Jon Krakauer; “Na natureza selvagem” – Jon Krakauer; “O super-homem vai ao supermercado”: convenções políticas – Norman Mailer; “Olga” – Fernando Morais; “Chico Mendes: crime e castigo”: quinze anos depois, o autor volta ao Acre para concluir a mais premiada reportagem sobre o herói dos Povos da Floresta – Zuenir Ventura; “1968”: o ano que não terminou – Zuenir Ventura; “A primavera do Dragão”: a juventude de Glauber Rocha – Nelson Motta.

Paratexto

O *corpus* desta pesquisa é constituído por um conjunto de elementos paratextuais (paratextos) presentes em vinte livros-reportagem publicados no Brasil, que serão apresentados mais adiante. Para tanto, utiliza-se a noção de “paratexto” apresentada por Alvarado (1994), conforme diz que o paratexto é basicamente um discurso auxiliar, servindo ao texto, é a sua razão de ser⁵. Neste sentido,

“Podem ser: tabelas, capas, contracapas, pictogramas, ideogramas, imagens, o projeto gráfico, título, dedicatória, epígrafe, epílogo, prólogo, índice, notas, bibliografias, glossário e apêndice” (ALVARADO, 1994).

Genette (1987) diz que o paratexto é o que faz com o texto torne-se livro. Etimologicamente, “paratexto” seria em torno de texto ou de acompanhamento (para = o lado). São elementos que não fazem parte do texto propriamente dito, mas que de alguma maneira integram-no.

Os elementos paratextuais, em grande parte também cumprem uma função de reforço que tendem a compensar a ausência do contexto partilhado por emissor e receptor. É onde o autor geralmente coloca informações acerca do trabalho desenvolvido, é onde ele expõe para o leitor sua vontade discursiva, ou seja, o que Bakhtin chama de “projeto do discurso”.

No caso da pesquisa, buscaremos dentro destes elementos informações necessárias para o entendimento do processo de elaboração da reportagem escritas pelos

⁵ Conforme explica a autora, sua caracterização é baseada em conceito proposto por Gerard Genette (*Seuil*, Paris, Ed. Seuil, 1987).



próprios jornalistas e/ou eventuais comentaristas que invariavelmente são repórteres também.

É válido dizer que a categoria de paratexto é bastante ampla, mas Alvarado (1994) classifica em apenas dois grupos que são os elementos paratextuais verbais e icônicos. Ao longo da pesquisa trabalharemos somente com paratextos verbais, dos quais delimitamos, fazendo um recorte ainda menor desse tipo específico. A análise será feita somente em: notas; agradecimentos; introduções; epílogos; orelhas de livro, apresentações, prefácios, posfácios e contra capa.

Serão analisados somente os paratextos em que o autor discorre sobre o processo de trabalho dele, onde ele faz um relato sobre sua prática de reportagem. Alvarado (1994, p. 5) ainda diz que os paratextos conseguem responder as perguntas: Quem? Como? Onde? Quando? E Por quê? Dando assim ao leitor subsídios necessários para o entendimento do contexto no qual a obra foi produzida.

O livro-reportagem como gênero do discurso

Para entender o que é o livro-reportagem, utilizamos os estudos de Catalão Jr. que define livro-reportagem como um gênero do discurso, como um tipo relativamente estável de enunciado. O autor corrobora dizendo,

O livro-reportagem é definido como um gênero do discurso – um tipo relativamente estável de enunciado, elaborado em um campo específico da comunicação discursiva, o jornalístico; seus enunciados típicos são produzidos mediante trabalhos de reportagem e materializados e difundidos em livros; seu autor típico é um jornalista, cuja enunciação tem como destinatário um público leitor potencialmente numeroso, difuso, heterogêneo e não-especializado (CATALÃO JR., 2010, p.8).

O livro-reportagem como um gênero do discurso se trata de um tipo relativamente estável de enunciado, justamente para que haja um melhor entendimento do campo social das comunicações discursivas, no sentido de encontrar as vozes e as relações dialógicas que são estabelecidas ao longo dessas reportagens. Bakhtin (2003, p. 213) afirma que o enunciado em sua plenitude é enformado como tal pelos elementos extralinguísticos (dialógicos), está ligado a outros enunciados.



Segundo Catalão Jr. (2010) o livro-reportagem é um objeto pouco estudado pelos pesquisadores que se dedicam à cultura brasileira contemporânea seja no campo da linguagem ou da comunicação.

O livro, mesmo sendo um ato de fala impresso constitui um elemento da comunicação verbal. É aqui que se pode compreender “a palavra diálogo num sentido amplo, não apenas como a comunicação em voz alta, (...), mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja” (BAKHTIN; [VOLOSHINOV]; 2006 p.127). Infere-se que esse enunciado específico é resultado de uma série de vozes anteriores que foram sendo construídas e por fim publicadas em um livro. O autor ainda diz que:

(...) o ato de fala sob a forma de livro é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor como as de outros autores: ele decorre, portanto da situação particular de um problema científico ou de um estilo de produção literária. Assim o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc (BAKHTIN, 2006, p.128).

O livro-reportagem enquanto um gênero do discurso constrói um objeto a partir das relações dialógicas que se dão no âmbito do jornalismo. E desta forma, todo ponto de vista assumido por ele é construído com base em enunciados anteriores. Catalão Jr (2010, p. 48) ainda nos ajudar a entender que o livro-reportagem é um elo na comunicação discursiva “(...) todo livro-reportagem veicula uma voz autoral (...), que responde a outros enunciados antecedentes, (...) e, ao fazê-lo, dispõe-se para a ativa compreensão responsiva de seus destinatários”.

É válido dizer que se pode observar três características comuns dos enunciados nos livros-reportagens, que são: *a alternância dos sujeitos do discurso* permitindo assim que as vozes se manifestem reiterando, incorporando, retomando ou até mesmo omitindo e subvertendo determinados discursos; *a conclusibilidade* que permite uma resposta particular a enunciados e possibilita outros sujeitos lhe responder. E por último, todo livro-reportagem *é constituído em relação* com seu autor e com outros participantes desta comunicação discursiva.

Isso quer dizer que assim como todo enunciado, o livro-reportagem, tem sempre um objeto do qual o autor fala, e também uma conclusibilidade que permite resposta.



Neste determinado momento dialógico o autor fala *tudo* que pretende. É o que Bakhtin (2003, p.281) chama de exauribilidade do objeto que vai ser sempre situacional,

(...) o objeto é objetivamente inexaurível, mas ao se tornar tema do enunciado ele ganha uma relativa conclusibilidade em determinadas condições, em certa situação do problema, em um dado material, em determinados objetivos colocados pelo autor, (...) no âmbito de uma ideia definida do autor.

Ou seja, esta inteireza do objeto relaciona-se diretamente com que Bakhtin chama de “projeto de discurso” ou “vontade de discurso”. Essa vontade discursiva é determinada desde o momento da escolha de certo gênero do discurso. Os livros-reportagem são resultado de um projeto de discurso dos autores, onde foi pensada toda sua construção como tal e não como um conto ou um poema, por exemplo. É a priorização da intenção discursiva do autor sendo sempre uma resposta pessoal a outros enunciados,

e ao escolher esta forma de gênero particular em vez de qualquer outra, o autor assume uma posição específica na trama dialógica da cultura, determina o lugar a partir de onde formulará e dirigirá sua intervenção – inscreve-se, enfim, no campo histórico, social, e, portanto, impessoal da linguagem (CATALÃO JR, 2010, p.50).

Sabe-se também que os autores dos livros-reportagem em questão são jornalistas que os construíram dentro de um campo específico da comunicação discursiva, o jornalístico. Os livros são resultados de trabalhos de reportagem e

o que diferencia este tipo de trabalho sob o ponto de vista dialógico, é o fato de ele ser realizado por um tipo específico de profissional, que atua num campo igualmente particular da comunicação discursiva e, ao cumprir suas tarefas, insere-se em uma dinâmica dialógica típica desse campo. (CATALÃO JR, 2010, p.68).

Ou seja, é preciso dizer aqui que a prática jornalística por si só é uma verdadeira dinâmica dialógica, dado o fato de que os repórteres se apoiam nos discursos alheios para construir matérias, notícias, reportagens, etc. Sempre levando em



consideração seu conhecimento de mundo, crenças, costumes, o jornalista nunca é assujeitado a esse processo.

Dito isso, é importante que se busque dentro dos elementos paratextuais a vontade discursiva dos autores, investigando os enunciados pelos quais eles foram construídos e aos quais eles respondem. Essa investigação acontece a partir dos relatos dos próprios jornalistas.

O dialogismo é fio condutor de diversas esferas da comunicação humana, inclusive do trabalho jornalístico. Deste modo, a pesquisa também é conduzida a partir desta perspectiva.

Dialogismo

Como foi dito acima a perspectiva assumida pela pesquisa é a dialógica. Segundo Bakhtin (1988) apud Fiorin (2006) a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar com ele de uma interação viva e tensa.

Apenas o Adão mítico, que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar (BAKHTIN, 1988, p.88).

O teórico russo enuncia esse princípio da concepção bakhtiniana: segundo ele, a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Cabe dizer aqui que essas relações dialógicas não se restringem somente ao diálogo face a face, mas a todos os enunciados no processo de comunicação que, independentemente de sua dimensão, são dialógicos.

Ou seja, para um enunciator produzir um enunciado, ele sempre vai levar em consideração o discurso do outro, o contexto, suas experiências. É por isso que Fiorin (2006, p.19) diz que “todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio e o dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados”. Qualquer objeto no mundo mostra-se por meio da linguagem, ou seja, por meio dos signos. Portanto, esses objetos mostram-se perpassados por ideias ou pontos de vistas, e



não há nenhum objeto que não pareça cercado, envolto, embebido em discursos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras (FIORIN, 2006, p.19).

A partir disso, percebe-se que o contexto em que o sujeito está inserido influencia diretamente no modo como este constrói o seu comportamento dentro das diversas esferas sociais, onde o indivíduo consegue formar o que por convenção social é chamado “ser autêntico”, mas sempre influenciado por meio dos demais discursos, ou seja, as vozes sociais.

Algo importante de ser mencionado e diferenciado dentro dos estudos de dialogismo são as unidades da língua e os enunciados. As unidades da língua não são dialógicas, visto que não possuem destinatário, nem autor. As unidades da língua são palavras, sons, orações que utilizados fora do contexto não fazem sentido nenhum, logo são repetíveis. As unidades da língua não permitem resposta, já os enunciados, sim.

Os enunciados são a réplica de um diálogo, que não necessariamente nos coloca em uma posição de seres assujeitados, pois apesar de nos basearmos em outros discursos, não estamos repetindo e sim interagindo com os outros. Sempre esperamos uma resposta, é uma interação autor-receptor, e cada ser humano é único e responde as contradições de maneira específica. O enunciado assume uma posição social respondendo a outras posições sociais.

Uma distinção fundamental entre ambas é que as unidades da língua apesar de serem palavras completas (oração, período) não permitem uma resposta. Por exemplo, se a palavra é falada fora do contexto não terá uma resposta apesar de ela está completa, pois para haver uma resposta precisa necessariamente ser um enunciado, permitindo uma réplica e sempre se dirigindo a alguém.

As unidades da língua são neutras, já os enunciados carregam emoções, juízos de valor, visões de mundo. É importante conhecer o contexto em que os discursos estão sendo construídos, não adianta apenas eu saber o que significa cada unidade da língua que constitui um enunciado, pois se não entender as relações dialógicas que perpassam este discurso, dificilmente se conhecerá o sentido.

Dialogismo como princípio constitutivo da pesquisa



Partindo da concepção do dialogismo bakhtiniano só é possível entendermos uns aos outros porque os discursos são sempre baseados em discursos anteriores. Porque se cada enunciado produzido fosse “novo” seria difícil a comunicação humana. “O dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado” (FIORIN, 2006, p.24).

O dialogismo não é só o princípio constitutivo do enunciado, mas também é o princípio constitutivo da pesquisa. A metodologia é baseada nessa perspectiva, onde se pretende estabelecer um diálogo com uma série de falas, no sentido de que os repórteres estão em constante contato com estas vozes sociais, que são as fontes e seus discursos.

Tanto o repórter quanto suas fontes assumem conceitos, juízos de valor, visões de mundo, posições, crenças e saberes que são constituídos dialogicamente. O próprio trabalho de reportagem é dialógico, considerando que os jornalistas constroem suas matérias/reportagens pautadas em discursos alheios.

É a partir deste entendimento que se pretende verificar de que forma as fontes são aproveitadas pelos jornalistas sendo que já existe uma perspectiva, um conhecimento pronto nos discursos. Trabalha-se com os livros-reportagem no sentido de que, independentemente de sua dimensão, eles são dialógicos. Para o autor constituir um discurso, ele leva sempre em consideração o discurso alheio que, implicitamente estará presente no seu, ou seja, faremos a investigação de como o repórter construiu seu discurso através de outros discursos, porque escolheu certas fontes e não outras.

O dialogismo será a base de entendimento da construção do processo de repórter, com base sempre nas falas dos próprios jornalistas ou comentaristas de seus trabalhos. A metodologia se dará basicamente na busca por esse entendimento dialógico entre as vozes. Vozes do jornalista e vozes nas quais eles se apoiam para construir os livros.

Crítérios para escolha do tema

Como se sabe a prática jornalística é uma atividade predominantemente dialógica. Os repórteres ao pensarem em uma pauta, escolherem as fontes, quais falas vão entrar nas matérias, qual o direcionamento que vai ser dado para o texto final vai ser a escolha feita por ele. É de responsabilidade própria as decisões tomadas, ou seja, os discursos assumidos.



Quando se fala em atividade puramente dialógica significa que os enunciados jornalísticos produzidos tem base em outros enunciados. É válido dizer que o sujeito, neste caso o repórter, não está somente assujeitado aos discursos que já estão postos. Ele também coloca no trabalho as concepções e a subjetividade dele. Em análise feita aos paratextos pode-se chegar a algumas conclusões, são elas:

A) A escolha do tema por meio de um trabalho de reportagem

A primeira é que alguns dos livros-reportagem em análise foram escritos a partir de um trabalho de reportagem designado para a empresa onde os jornalistas trabalhavam na época. De apenas uma reportagem os repórteres se envolveram com o tema e resolveram relatar de forma mais abrangente o que tinha acontecido, e quase sempre foi por meio de uma inquietação pessoal que os levou a apurar melhor e publicar na forma de livro. Podemos comprovar isso nos seguintes trechos do livro “No ar rarefeito” – 1996 do jornalista Jon Krakauer.

Este livro começou com um artigo encomendado pela revista Outside (Nota do autor, p.284).

Em março de 1996, a revista Outside enviou-me ao Nepal para participar de uma escalada guiada ao monte Everest e escrever sobre ela. Fui na qualidade de um dos oitos clientes da expedição chefiada por um conhecido guia da Nova Zelândia, chamado Rob Hall. No dia 10 de maio cheguei ao topo do mundo, porém a um custo tremendo. Entre os cinco companheiros de equipe que atingiram o topo, quatro, inclusive Hall, pereceram numa tempestade terrível que chegou sem avisar enquanto ainda estávamos no pico. Até eu descer ao acampamento-base, nove alpinistas, de quatro expedições diferentes, estavam mortos e três outras vidas se perderiam antes que o mês terminasse. A expedição me deixou muito abalado e foi um artigo difícil de escrever. Ainda assim, cinco semanas depois de ter voltado do Nepal, entreguei um manuscrito à Outside que foi publicado na edição de setembro da revista. Cumprida essa parte, tentei tirar o Everest de minha cabeça e de minha vida, mas foi impossível. Em meio a um nevoeiro de emoções confusas, continuei tentando dar um sentido ao que acontece lá em cima e a martelar as circunstâncias em que meus companheiros morreram (p.9).

O artigo para a Outside foi tão preciso quanto possível, dadas as circunstâncias: eu tinha um prazo, a sequência de eventos fora de uma complexidade frustrante e as lembranças dos sobreviventes estavam muito distorcidas pela exaustão, falta de oxigênio e choque. Em certo ponto de minha pesquisa, pedi a três outras pessoas para contarem um incidente que nós quatro testemunhamos, na alta montanha, mas ninguém foi capaz de concordar quanto aos fatos cruciais, como a hora, o que fora dito e nem mesmo quanto a quem estava presente (p.9).

(...) A escalada do Everest abalou até o âmago de minha vida; tornou-se desesperadamente importante, para mim, registrar os eventos em



todos os detalhes, livre das limitações de uma revista. Este livro é fruto dessa compulsão (p.10).

(...) o que houve na montanha estava me roendo as entranhas. Pensei que, escrevendo o livro, poderia expurgar o Everest de minha vida, Claro que isso não ocorreu (...) (Introdução, p.10-1).

De acordo com o texto de Krakauer, percebemos que a escolha do tema deste livro se deu por meio de um acidente que marcou a vida do jornalista de tal maneira que ele acreditou que só escrevendo um livro, esta tragédia ia sair da vida dele. Foi um motivo pessoal. O mesmo acontece com o livro “Na Natureza Selvagem” do mesmo autor, acompanhe:

Em abril de 1992, um jovem de uma família abastada da costa leste dos Estados Unidos foi de carona até o Alasca e adentrou sozinho a região selvagem e desabilitada ao norte do monte Mckinley. Quatro meses depois, seu corpo decomposto foi encontrado por um grupo de caçadores de alce (Nota do autor, p.9).

Pouco após a descoberta do cadáver, o editor da revista *Outside* pediu-me uma reportagem sobre as circunstâncias enigmáticas da morte do rapaz. Revelou-se que seu nome era Christopher Johnson McCandless. Fiquei sabendo que crescera em um subúrbio rico de Washington, D.C. , onde fora excelente aluno e atleta de elite (p.9).

Trabalhando com prazo curto, escrevi um artigo de 9 mil palavras, publicado no número de janeiro de 1993 da revista, mas meu fascínio por McCandless não desapareceu com a substituição daquela edição de *Outside* nas bancas por temas jornalísticos mais atuais. Perseguiam-me a lembrança dos detalhes da morte por inanição do rapaz e certas semelhanças vagas entre acontecimentos de minha vida e da de Christopher (p.9). Disposto a não me afastar de McCandless, passei mais de um ano refazendo a trilha espiralada que conduziu a sua morte na taiga do Alasca, caçando os detalhes de sua peregrinação (Nota do autor, p.10).

Aqui neste livro, o autor descreve na nota que o livro é também resultado de um trabalho de reportagem, que ao final quando Krakauer foi entregar o artigo à revista *Outside* ele sentia que ainda assim o trabalho não estava completo. Ele se envolve com a história do jovem a tal ponto que o “interesse dele beirava a obsessão”. O critério de escolha nesse caso também foi uma motivação pessoal, com base em critérios de escolha que permitiram ao autor uma ampliação do tema, como ele mesmo relata:

Ao tentar compreender McCandless, cheguei inevitavelmente a refletir sobre outros temas mais amplos: a tração que as regiões selvagens exercem sobre a imaginação americana, o fascínio que homens jovens com certo tipo de mentalidade sentem por atividades de alto risco, os laços altamente tensos que existem entre pais e filhos. O resultado dessa investigação cheia de meandros é este livro (Nota do autor, p.10).



B) A escolha do tema por meio de motivação pessoal, histórica e política

Como exposto acima, trabalhos de reportagens levam autores a ampliarem seus textos e publicarem um livro. Outro motivo também percebido foi de motivação pessoal e histórica. Os autores dos livros descritos a seguir não foram designados em nenhum momento para escreverem acerca dos temas escolhidos, parte deles desde um determinado período de vida, a vontade de escrever sobre esse tema e não outro. Fernando Morais ao escrever Olga relata:

A história que você vai ler agora relata fatos que aconteceram exatamente como estão descritos neste livro: a vida de Olga Benario Prestes, uma história que me fascina e atormenta desde adolescência, quando ouvia meu pai referir-se a Filinto Muller como o homem que tinha dado a Hitler, “de presente”, a mulher de Luís Carlos Prestes, uma judia comunista que estava grávida de sete meses. (Apresentação à 1ª edição, p.9).

Além da motivação pessoal e histórica, Olga, surge como uma figura mítica na vida do autor. A escolha também acontece de acordo com uma visão política do jornalista. Quando Fernando Morais escolhe escrever sobre Olga Prestes, uma judia comunista, e não sobre outra personagem, ele também quer marcar sua posição acerca deste assunto. Afirma dizendo: “(...) Perseguido por essa imagem, decidi que algum dia escreveria sobre Olga, projeto que guardei com avareza durante os anos negros do território de Estado no Brasil, quando seria inimaginável que uma história como esta passasse incólume pela censura” (p.9).

Outro livro que retrata essas mesmas motivações para a escolha do tema é “1968 – O ano que não terminou” de Zuenir Ventura. O autor relata que:

O ano que não terminou é um livro que me diz respeito diretamente. Vivi com grande intensidade esse ano, como aqueles que se seguiram, menos iluminados e mais sombrios. Não só vivi como me formei nessa atmosfera de paixão e impulsividade, um momento não apenas de grandes sonhos, mas do sentimento de que poderíamos, sem grandes dificuldades, transformar esses sonhos em história (Orelha do livro).

Nos relatos dos autores é também perceptível como a escolha desse tema que diz respeito à história e a política, torna-se tão pessoal quanto nostálgico. É uma lembrança da juventude, da adolescência, dos tempos em que os sonhos podiam tornar-se realidade, do tempo em que tiveram paz, dizem eles. Tomados com base na perspectiva dialógica, os jornalistas ao escreverem os livros dizem que foi a partir de um “eu ouvir



falar” que as inquietações surgiram. Ou seja, com base nos discursos já ditos cria-se um “novo” discurso, um novo enunciado que vem ser o próprio livro.

C) Escolha do tema com base em depoimentos coletados e pedidos específicos

Outro critério para a escolha do tema que foi percebido ao longo das análises foram jornalistas que se propuseram a fazer um perfil de determinada personalidade e por fim acabaram transformando esse perfil em uma espécie de biografia. Isso acontece com o autor Nelson Motta em *A primavera do dragão – A juventude de Glauber Rocha*, onde o jornalista relata:

Comecei este livro no verão de 1989, no Rio de Janeiro, em vários encontros com dona Lucia, mãe de Glauber, para conversar sobre infância, adolescência e juventude. Era o ponto de partida para traçar um retrato do artista quando jovem, a base para reconstruir os anos de formação de um personagem símbolo de sua geração.

Com as gravações das entrevistas transcritas, eu começava a estruturar o livro quando uma notícia de jornal me fez mudar de ideia: Zuenir Ventura estava escrevendo uma biografia de Glauber Rocha. Desisti imediatamente. Vinte anos e sete livros depois, conversando com Zuenir em um festival literário, falamos com saudades de Glauber. E ele se lembrou do meu projeto, sugeriu que eu o retomasse. Obedeci ao mestre (Orelha do livro).

Outro critério de escolha é relatar determinado fato com base no pedido de alguém. O autor Gabriel García Marquez, confirma isso dizendo “Em outubro de 1993 Maruja Pachón e seu marido, Alberto Villamizar, me propuseram escrever um livro sobre as experiências dela durante seu sequestro de seis meses, e as árduas negociações em que ele se empenhou para conseguir libertá-la” (Gratidões, p.5).

Considerações

A teoria bakhtiniana não leva em conta somente as vozes sociais, mas também as vozes individuais, considerando o fato que o locutor não seja Adão, único homem que evitou por completo essa mútua orientação dialógica, produzindo o primeiro enunciado, todos os enunciados depois deste específico vão ser ponto de convergência ou divergência de vários pontos de vista. Portanto, os discursos individuais vão sendo construídos a partir dos sociais formando relações dialógicas sempre individuais e



sociais, considerando o fato de Bakhtin dizer que o individual é sempre formado pelo social.

O modo trabalhado na pesquisa de que o livro-reportagem é um enunciado, permite que entendamos esse tipo específico como uma resposta a outro/s enunciado/s. Nós somos seres formados pelo social, nossos discursos são cheios de ideias, valores apreendidos em algum lugar, com alguém, com nossas vivências e experiências. Qualquer discurso dito (enunciado) vai conter o discurso de outrem.

Também não é possível dizer que existem dois tipos de dialogismo, um entre enunciados e outro entre locutor e interlocutor, pois o único dialogismo que vai existir é entre enunciados, sendo que o interlocutor é uma resposta, é um enunciado.

A partir desse entendimento, busca-se dentro dos elementos paratextuais verificar a escolha do autor em colocar determinado enunciado e não outro dentro do texto. Levando em consideração que as relações dialógicas podem ser polêmicas, convergentes, divergentes, de conciliação ou de luta e também que a nossa sociedade é dividida em classes sociais, logo, os enunciados vão ser sempre um espaço de lutas entre as vozes. Vale ressaltar que a proposta bakhtiniana nos permite examinar fenômenos da fala cotidiana, permite analisar todos os fenômenos presentes na comunicação humana.

E tendo como objetivo principal caracterizar a prática da reportagem de acordo com o depoimento de quem a faz, a primeira etapa da pesquisa já permite um avanço nesse entendimento. Conforme elencado acima, são esses três modos mais recorrentes de critérios que o repórter escolhe para desenvolver determinado tema e transformá-lo em livro.

Para chegarmos a tais resultados procuramos responder as seguintes perguntas: quais foram os motivos apresentados? Foram por motivações políticas? Pessoais? Com base em que critérios? Foi por meio de alguma história mítica? Por que a escolha deste tema e não de outro? Sempre com base na perspectiva dialógica, em que o sujeito bakhtiniano reproduz discursos, mas não é assujeitado a eles, portanto, os livros-reportagem são enunciados, são uma realidade construída e que tem um sentido. Sentido este que vai ser captado ao longo da percepção da historicidade destes enunciados, a maneira como foram construídos, a que enunciados anteriores eles respondem.



Referências

- ALVARADO, Maite. **Paratexto**. Edición del Instituto de Lingüística. Facultad de Filosofía y Letras. Cátedra de Semiología, CBC, UBA, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal** – 4ª ed- São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- CATALÃO JR, Antônio H. **Jornalismo best-seller**: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Araraquara: UNESP, 2010.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

Referências do Corpus

- BARCELLOS, C. **Rota 66**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- _____. **Abusado**: o dono do Morro Dona Marta. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008-a.
- CALDEIRA, J. **Mauá**: empresário do império. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CAPOTE, Truman, 1924-1984. **A sangue frio**/ relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas consequências/ – São Paulo: Companhia das letras, 2003.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel, 1928- **Notícia de um sequestro**/ tradução de Eric Nepomuceno. – 3ª ed.- Rio de Janeiro: Record, 2011.
- GASPARI, E. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002-a.
- HERSEY, John, 1914-1993. **Hiroshima**; tradução Hildegard Feist – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KRAKAUER, Jon. **No ar rarefeito: um relato de tragédia no Everest em 1996**/ Jon Krakauer – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. **Na natureza selvagem**/ Jon Krakauer; tradução Pedro Maia Soares. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MAILER, Norman, 1923- **O super-homem vai ao supermercado: convenções políticas** (1960-68) tradução José Geraldo Couto, Sérgio Dávila. – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MORAIS, Fernando. **Olga**/ Fernando Moraes. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MOTTA, Nelson. **A primavera do dragão**/ Nelson Motta. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- VENTURA, Zuenir. **Chico Mendes: crime e castigo: quinze anos depois, o autor volta ao Acre para concluir a mais premiada reportagem sobre o herói dos Povos da Floresta**/ posfácio Marcos Sá Corrêa. – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. **1968**: o ano que não terminou. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.